

Adrian Monjeau: "Não existe uma ética para as outras espécies"

Categories : [Reportagens](#)

O biogeógrafo argentino **Adrian Monjeau** gosta das áreas de fronteira em que o conhecimento científico da biologia e da ecologia esbarram com a necessidade de debates filosóficos e éticos. Sua ciência estuda a distribuição de espécies e ecossistemas através do espaço geográfico e do tempo geológico. Ele sabe que estamos muito aquém das ações necessárias para sustar as extinções causadas pelas ações humanas. Apesar de existirem mais de 100 mil áreas protegidas no mundo, poucas de fato funcionam. Além disso, elas compõem um território fragmentado demais para cumprir o seu papel de proteger as espécies. De uma amostra de 1.500 áreas protegidas que estudou na América do Sul, apenas 8% estão em bom estado de conservação. No entanto, Monjeau é otimista ao acreditar que o ser humano será capaz de incorporar o valor das outras espécies às suas próprias decisões de políticas públicas e criar o que ele chama de uma ética da biosfera. Ele também pensa que esse impulso pode vir de um grupo seleto de algumas centenas de líderes, de grandes empresários a artistas, fora da política tradicional que amarra as decisões ao curto prazo da próxima eleição. Monjeau tem vindo ao Brasil regularmente para participar de um estudo sobre extinção em unidades de conservação e territórios indígenas, em parceria com a equipe de [Fernando Fernandez](#), biólogo da UFRJ e também colunista de **O Eco**. E foi para esta equipe e para o próprio ((o))eco que ele concedeu a seguinte entrevista.

Fernando Fernandez: Adrian, ano passado você ministrou uma palestra na UFRJ, com um título que despertou muita atenção, que foi "*Maten las ballenas*" (Matem as baleias). O que você quis dizer com esse título?

Bom, este é um título provocador, mas se trata de uma brincadeira. De maneira alguma quero matar as baleias como o capitão Ahab, de Moby Dick. O título se inspirou numa área protegida na [península Valdés](#), Patagônia, patrimônio natural da humanidade. O avistamento de baleias se tornou o grande protagonista de toda a atividade nessa área, e há também os elefantes e lobos marinhos. Mas a fauna terrestre não tem nenhuma proteção. Todos os turistas e responsáveis pelas áreas protegidas estão hipnotizados pelas baleias, sobretudo com as caudas das baleias. Tirar uma foto de uma cauda de baleia é o objetivo de todo o grande circo que é essa área protegida.

FF: Você acredita então que a grande atração exercida pelas baleias pode trazer pessoas demais para essa unidade de conservação, resultando em prejuízos para a conservação da fauna terrestre?

Exatamente. O avistamento de baleias não produz efeitos positivos para a conservação das outras

espécies. O que acontece é mais próximo do contrário. O negócio está crescendo, e há cada vez mais pessoas que não propiciam nenhum benefício para a fauna "não-carismática". Então propus aos funcionários: -- Vocês devem matar as baleias!, no sentido filosófico. Tirar a baleia do centro do discurso da conservação e se preocupar com a conservação de toda a fauna, coisa que não estava acontecendo. O resultado foi desastroso. O fato de que eu estava falando filosoficamente foi mal compreendido. Em filosofia se fala da morte do homem, da morte na natureza, que significa tirar algo do centro, tirar o foco de determinada coisa. Matar as baleias significa tirá-las do protagonismo que possuem, e se preocupar com o resto. Obviamente as pessoas entenderam que Monjeau havia dito que temos que matar as baleias! Minha metáfora saiu do controle e foi um atrativo para os jornais durante semanas. Um desastre absoluto [risos].

FF: Você se formou com Rapoport, um grande biogeógrafo argentino. Você poderia nos falar um pouco sobre a contribuição que a biogeografia poderia dar para a conservação?